

## Introdução

Para chegar ao título desta dissertação passaram-se cerca de cinco anos. Foi ainda em março de 1999 que iniciei minha primeira tentativa de cursar o Mestrado em Literatura na PUC-Rio, quando, por motivos incompatíveis a meus estudos, vi-me forçado a desistir, sem que chegasse a concluir o primeiro semestre.

Mas, já naquela época, as aulas de Júlio Diniz no curso sobre Mário de Andrade e o projeto modernista me indicavam que poderia haver um caminho para o florescimento de meus estudos. E foi o que veio a se confirmar, quando decidi retornar à PUC, através de novo concurso para o Mestrado. Pouco antes, tive o privilégio de participar da equipe do Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, no qual permaneci durante um ano. Importantes instituições culturais integram este projeto, como a própria Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O trabalho no Dicionário reforçou meus objetivos de me voltar para as questões da cultura brasileira, principalmente as que envolvem música e literatura.

O que eu iria falar de Mário de Andrade, deste que dizia ser trezentos, trezentos e cinquenta? Foi a pergunta que tantas vezes ouvi de colegas, professores, amigos, e diante da qual pouco tinha a responder. Afinal, seria possível apontar detalhes da obra e da vida do escritor modernista que ainda não tivessem sido abordados?

Uma sugestão que me foi feita parece ter hoje um sentido bem maior: a professora Eneida Maria de Souza, da Universidade Federal de Minas Gerais, fez-me notar que seria interessante discorrer sobre as relações de Mário de Andrade e o Rio de Janeiro. Eu já conhecia o livro *Mário de Andrade: o exílio no Rio*, de Moacir Werneck de Castro, obra que sempre me deu a impressão de ser um argumento precioso para um roteiro de cinema e que foi extremamente importante para o desenvolvimento de minha dissertação.

Enquanto procurava delinear melhor o que poderia dizer a respeito de um Mário tão plural, foi num dos cursos de meu orientador, exatamente sobre Mário, Bandeira e Drummond, que a idéia de uma esquina entre a Rua Lopes Chaves e a Rua do Curvelo me apareceu clara, forte, inquietante. A Lopes Chaves, a rua em que Mário morara em São Paulo durante a maior parte de sua vida, e a Rua do Curvelo, em Santa Teresa, em que Bandeira morara durante treze anos, e na qual ele mesmo dizia ter reaprendido os caminhos

da infância. Uma esquina simbolizada pelo encontro que unira os dois escritores, acontecido em 1921, na casa de Ronald de Carvalho, no Rio de Janeiro, meses antes da Semana de Arte Moderna.

Desta esquina transposta a uma encruzilhada talvez tenham resultado insuficiências anotadas e sublinhadas por meu orientador. Procurei, dentro do possível, corrigir e reparar essas insuficiências. É provável que devesse, idealmente, ir além do que aqui está apresentado. No entanto, estou seguro de que alinhavei, desconstruí e moldei antigas e novas impressões e idéias acerca do que Mário de Andrade ainda hoje representa para o panorama cultural brasileiro.

Da esquina onde cheguei bastante entusiasmado pela leitura de *A Trinca do Curvelo*, livro no qual a ensaísta Elvia Bezerra oferece um panorama detalhado do cotidiano de Bandeira naquela rua de Santa Teresa, acabei por me ver levado a uma encruzilhada dos trezentos e cinquenta Mários, que poderiam chegar a lugar nenhum.

E então os capítulos surgiram, quase todos saídos das monografias dos cursos assistidos durante o Mestrado. Para os questionamentos sobre o modernismo, aproveitei muito das aulas de Renato Cordeiro Gomes, nas quais se buscou abordar as diversas formas de modernismo acontecidas além da Semana de Arte Moderna. Para a questão da religiosidade, bastante presente não só em Mário, mas também em Bandeira, colhi bastante do aprendido nas aulas de Eliana Yunes e Maria Clara Bingemer, no curso sobre Adélia Prado e Manuel Bandeira, unindo teologia e literatura. O capítulo que trata das relações de Mário e Pedro Nava nasceu do trabalho desenvolvido a partir do curso de Marília Rothier Cardoso sobre Nava e Guimarães Rosa.

Creio que toda a dissertação acabou por mesclar muito das aulas, afinidades e polêmicas com meu orientador, além dos ensinamentos de Roberto Corrêa dos Santos e Eduardo Jardim de Moraes. Para o primeiro alinhavei, de modo ainda bastante obscuro, o capítulo que depois surgiu como o que trata do período do Estado Novo e a conferência sobre o Movimento Modernista. Do segundo, fui aluno num curso especialmente dedicado a Mário de Andrade e que muito contribuiu para o desenvolvimento de meu projeto e creio que suas aulas foram aproveitadas na elaboração de quase toda a dissertação.

Durante minha pesquisa, encontrei uma definição do crítico Álvaro Lins sobre Mário de Andrade, que me pareceu bastante iluminada. Disse o crítico: “Ele não tinha, na

verdade, o mais tolo dos medos que é este de parecer mais tarde contraditório. Não sendo além disso o que se pode chamar um artista puro – isto é: um artista somente preocupado com a criação da própria obra, murado dentro de uma verdade política, moral e estética, conquistado e incorporado definitivamente como direção exclusiva – Mário de Andrade tinha a paixão dos movimentos culturais, e por efeito da sua apostólica vocação de participante, estava sempre se sentindo chamado a confrontar as suas posições e opiniões com os acontecimentos do dia”.

A esta paixão a que o crítico se refere procurei seguir, embora correndo os riscos de uma parcialidade que me levasse a “proteger, salvar” meu objeto de estudo. Como João Cabral de Melo Neto diz na fala de Raimundo em *Os três mal-amados*, existe aqui a consciência de que a lucidez “ela só, nos pode dar um modo novo e completo de ver uma flor, de ler um verso”. Minha intenção não se confinou a uma exaltação de um subjetivismo estéril. Procurei abrir as janelas da Rua Lopes Chaves e da Rua do Curvelo, ao seringueiro do Acre e aos Meninos Carvoeiros.

Mário de Andrade ficou para muitos como aquele que quis institucionalizar o folclore e que, apesar de ser modernista, não teria sido um artista propriamente moderno, preso a uma reverência às tradições populares e sem realizar uma ruptura estética de fato, não sendo portanto um vanguardista, ao contrário do que afirma grande parte da historiografia da literatura brasileira.

Por sua vez, Manuel Bandeira, que ganhou como poeta projeção bem maior do que Mário de Andrade, admitiu a influência deste no amadurecimento de sua obra. A convivência entre os dois, que chegaram a ter experiências próximas do parnasianismo e do simbolismo, foi fundamental para o florescimento na literatura brasileira de personagens como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, Pedro Nava, o fortalecimento de uma idéia de brasilidade, que viria a ser trabalhada, em meados da década de 1930, por autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, e daria frutos não só na poesia, como na canção popular.

Muito mais haveria a ser falado e desenvolvido. O tema é vasto e promete desafios saborosos. Nesta encruzilhada passa um Brasil que sonhamos e que nos escapa. Passa um Tietê.